

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA EM TEORIA DA LITERATURA



# ELIMINAR A METAFÍSICA — FILOSOFIA E POESIA

DOUTORAMENTO EM ESTUDOS  
DE LITERATURA E DE CULTURA

TEORIA DA LITERATURA

Ana Sofia Couto

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA EM TEORIA DA LITERATURA

ELIMINAR A METAFÍSICA –  
FILOSOFIA E POESIA

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Miguel Tamen

DOUTORAMENTO EM ESTUDOS  
DE LITERATURA E DE CULTURA

TEORIA DA LITERATURA

Ana Sofia Couto

2011



Para os meus pais

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO / ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	9
 <b>I – FILOSOFIA SEM METAFÍSICA</b>	
1. ‘A METAFÍSICA NÃO EXISTE’ – AS RAZÕES DO PROJECTO LÓGICO-POSITIVISTA	16
2. A ‘FACULDADE RADICAL DE TODO O CONHECIMENTO’, SEGUNDO MARTIN HEIDEGGER	77
 <b>II – A POESIA E A METAFÍSICA COMO DOENÇA</b>	
1. VER COMO UM POETA: ALBERTO CAEIRO E A ‘LOUCURA TRANSCENDENTE’	130
2. A ‘GRANDE PARTIDA PARA O VERDADEIRO’	172
 BIBLIOGRAFIA CITADA	 189

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer aos excelentes professores que marcaram o meu percurso intelectual de pós-graduação e cujos ensinamentos, de uma forma ou de outra, acabam por ganhar uma forma possível nesta tese. Em particular, agradeço ao Professor Miguel Tamen pelas suas aulas e erudição extraordinárias, por ter sugerido as leituras que me levaram a escrever as páginas que se seguem e pela atenção com que leu e comentou tudo o que escrevi. Ao Professor António M. Feijó, em cujos seminários começaram a surgir também ideias que aparecem ao longo desta tese, agradeço-lhe ter dito coisas estranhas sobre Fernando Pessoa, por exemplo, quando especulou acerca da felicidade que o poeta teria experimentado se aparecesse na capa de um álbum dos Beatles.

Ao longo deste percurso, algumas pessoas tiveram de ler ou ouvir versões muito incipientes deste trabalho e, a elas, o meu agradecimento pela paciência com que procuraram comentar coisas que só muito vagamente se pareciam com um argumento. A Susana, a Ana, a Maria e o Ivo, em particular, deram-me muito apoio. As pessoas a quem dei aulas na Faculdade de Letras permitiram, também, que se estabelecesse um diálogo crítico a partir do meu ponto de vista. Agradeço, por isso, ao Departamento

de Literaturas Românicas a oportunidade que me foi dada, quando fiquei a substituir, nos meses de Março e Abril de 2010, a professora Ângela Fernandes na cadeira de Teoria da Literatura.

A ajuda da minha família foi preciosa. Sempre que esta tese esteve a vacilar, havendo o risco de não vir a ser concluída, eles não deixaram que isso acontecesse.

Por fim, importa agradecer à Fundação para a Ciência e Tecnologia. A Bolsa de Doutoramento que me foi concedida por esta Fundação proporcionou a estabilidade essencial para a pesquisa e redacção desta tese.

## RESUMO

Esta tese comenta três programas contemporâneos que exprimem críticas à noção de metafísica – dois projectos filosóficos e um de natureza poética. Os programas filosóficos são a proposta do positivismo lógico, na qual se assume como possível uma eliminação da metafísica através da análise lógica do discurso, e a fábula de Martin Heidegger sobre o esquecimento do ser. O programa poético é o conjunto dos versos de Alberto Caeiro. Na primeira parte desta tese, analisaremos a posição de alguns autores clássicos do positivismo lógico e a ideia de uma metafísica do Dasein defendida por Martin Heidegger. Na segunda parte, argumentar-se-á que o projecto de Alberto Caeiro, na medida em que releva de uma tese central que assume o primado do «dado», leva à conclusão contra-intuitiva de que o desentendimento entre Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes, tido pelo Mestre como poeta metafísico, se traduz, apesar disso, num entendimento substancial.

## ABSTRACT

This dissertation comments on three contemporary programs that criticize the notion of metaphysics – two philosophical projects and one expressed by a poet. The philosophical programs are the project of logical positivism, which assumes the possibility of eliminating metaphysics through the logical analysis of language, and the tale of Martin Heidegger about the forgetting of being. The poetic program is contained in Alberto Caeiro's poetry. The first part of this dissertation analyzes the position of some classic authors of logical positivism and the idea of a metaphysics of Dasein in Heidegger's thinking. In the second part, it is argued that Alberto Caeiro's program, defending a central thesis which assumes the primacy of the "given", leads to the counterintuitive conclusion that the disagreement between Fernando Pessoa and Teixeira de Pascoaes, seen by the Master as a metaphysical poet, reflects, nonetheless, a substantial understanding.



METAFÍSICA – POSITIVISMO LÓGICO – HEIDEGGER –  
FERNANDO PESSOA – TEIXEIRA DE PASCOAES

METAPHYSICS – LOGICAL POSITIVISM – HEIDEGGER  
FERNANDO PESSOA – TEIXEIRA DE PASCOAES

## INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que esta ciência (a metafísica) era chamada rainha de todas as outras e, se tomarmos a intenção pela realidade, merecia amplamente esse título honorífico, graças à importância capital do seu objecto. No nosso tempo tornou-se moda testemunhar-lhe o maior desprezo e a nobre dama, repudiada e desamparada, lamenta-se como Hécuba [...].

Kant, *Crítica da Razão Pura*, prefácio da primeira edição<sup>1</sup>

Uma das primeiras observações da introdução ao conjunto de ensaios que constituem o livro *The Nature of Metaphysics* (1957) é a afirmação de que a metafísica «tem um poder único para atrair ou repelir, para encorajar um entusiasmo acrítico por um lado, para provocar uma condenação impaciente por outro»<sup>2</sup>. “Criticism of Metaphysics”, um dos ensaios reunidos no livro, sublinha, no mesmo sentido, a ideia de que «[a] metafísica nunca existiu sem os seus críticos»<sup>3</sup>. A nossa tese comenta, precisamente, três programas contemporâneos que desenvolvem a crítica da ideia de metafísica: o projecto de uma filosofia científica defendido pelo movimento do positivismo lógico, a ontologia fundamental de Martin Heidegger (parte I) e o ataque de Alberto Caeiro aos poetas e filósofos que vêem ‘o que não está lá’ (parte II).

---

<sup>1</sup> Immanuel Kant. *Crítica da Razão Pura*. Prefácio da primeira edição (1781). Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 5.<sup>a</sup> ed., p. 3.

<sup>2</sup> Grice, Pears e Strawson, “Introduction”, D. F. Pears (ed.). *The Nature of Metaphysics*, New York: MacMillan, 1966, p. I. Salvo outra indicação, as traduções para o português são da nossa autoria.

<sup>3</sup> G. J. Warnock, “Criticism of Metaphysics”, in D. F. Pears (ed.). op. cit., p. 124.

Segundo a exposição de A. J. Ayer em *Language, Truth and Logic* (1938), o programa lógico-positivista<sup>4</sup> visava a eliminação da metafísica por meio de uma análise que permitiria determinar o significado literal do discurso – decorrendo dessa investigação a possibilidade de se testar se uma frase era, de facto, uma «proposição genuína»<sup>5</sup>. Por outras palavras, a ideia que Ayer acentua é a de que o positivismo lógico, em vez de procurar provar a impossibilidade da metafísica, caso em que seria apenas uma ‘metafísica rival’, pretende antes distinguir frases com ‘conteúdo factual’ de frases com um mero ‘conteúdo emocional’<sup>6</sup>. Ayer explicita, na verdade, um problema que preocupou os positivistas lógicos, ou seja, o facto de os argumentos que justificavam a eliminação da metafísica poderem articular, apesar disso, uma tese metafísica. Seria este o caso dos argumentos de Kant sobre os limites do conhecimento; a *Crítica da Razão Pura* constitui, segundo Ayer, o exemplo do que no *Tractatus* era descrito como ‘estabelecer um limite e pensar nos dois lados desse limite’<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> A designação de ‘empirismo lógico’ é também aceite. Na introdução a *The Cambridge Companion to Logical Empiricism*, Alan Richardson e Thomas Uebel referem que «[o]s projectos característicos do empirismo lógico [se] desenvolveram sobretudo em Viena e Berlim. O Círculo de Viena, um grupo de investigadores que se reuniram regularmente entre os meados das décadas de 1920 e 1930 sob a liderança de Moritz Schlick, [...] contava entre os seus membros Rudolf Carnap e o aluno de Schlick, Herbert Feigl, e entre os seus fundadores Hans Hahn, Philip Frank e Otto Neurath.» (Alan Richardson and Thomas Uebel (eds.). *The Cambridge Companion to Logical Empiricism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, introduction, p. 3).

<sup>5</sup> A. J. Ayer, *Language, Truth and Logic*. New York: Dover Publications, 1952 [1938], reprint, p. 34.

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Ibid, p. 35. Apesar disso, para David Pears, por exemplo, o projecto de Wittgenstein revelava afinidades substanciais com as teses kantianas acerca dos limites do conhecimento, tratando-se, no caso do *Tractatus*, de estipular as condições lógicas que determinariam a possibilidade de atribuir significado à linguagem. Por outras palavras, Wittgenstein teria respondido à metafísica da experiência de Kant com uma metafísica da linguagem (Cf. David Pears. *Ludwig Wittgenstein*. New York: Viking Books, 1970).

O capítulo 1 da primeira parte desta tese comenta, portanto, os principais argumentos dos textos clássicos do positivismo lógico. Mostrar-se-á que a impossibilidade de cumprir o programa corroborado por esses argumentos releva do facto de a noção de «sentido genuíno» estar alicerçada num princípio de verificação de proposições por meio da redução de conceitos a dados dos sentidos. Nas palavras de S. N. Hampshire, o projecto lógico-positivista seria, na sua própria natureza, um projecto metafísico, uma vez que quando asseveramos «as condições em que podemos afirmar com certeza que uma proposição é verdadeira, estamos a começar a construir um sistema metafísico»<sup>8</sup>.

O capítulo 2 comenta a posição de Heidegger sobre a metafísica e a sua resposta ao racionalismo neokantiano, de que o autor de *Ser e Tempo* se distanciou claramente a partir em 1929, num encontro que teve lugar em Davos e no qual participou Ernst Cassirer. Segundo Michael Friedman, o conjunto de conferências de 1929, a que assistiu Rudolf Carnap, uma das figuras tutelares do positivismo lógico, permitiu a Martin Heidegger apresentar-se como «o autor de um tipo de filosofia fundamentalmente novo destinado a substituir a hegemonia da tradição neokantiana e a suplantar as tendências “racionalistas” que restavam na fenomenologia husserliana»<sup>9</sup>.

Para descrever o «tipo de filosofia fundamentalmente novo» que Heidegger representava, centraremos a nossa análise na sua interpretação da *Crítica da Razão Pura*. Na verdade, Heidegger irá justificar o carácter verdadeiramente radical da obra de Kant lendo-a como um estudo que *não é*

---

<sup>8</sup> S. N. Hampshire, “Metaphysical Systems”, in Pears (ed.). *op. cit.*, p. 30.

<sup>9</sup> Michael Friedman. *A Parting of the Ways – Carnap, Cassirer, and Heidegger*. Illinois: Open Court, 2000, p. 3.

uma teoria acerca do conhecimento, uma epistemologia. Por outras palavras, trata-se, para Heidegger, de encontrar na crítica kantiana da metafísica dogmática as bases para uma metafísica do homem, ou ‘ontologia fundamental’, como lhe chamará a partir de 1930<sup>10</sup>. A crítica da metafísica proposta em *Kant und das Problem der Metaphysik* (1929) prende-se, portanto, com a ideia de que está em causa, na *Crítica da Razão Pura*, mais do que a fundamentação do conhecimento científico, uma reflexão sobre o próprio fundamento da metafísica, i.e., a pergunta sobre o ser. Procurando provar que esta pergunta atravessa a crítica kantiana, a interpretação de Heidegger intenta chegar à verdadeira ‘raiz comum’ do conhecimento humano, o conhecimento de sujeitos finitos, por oposição a um intelecto absoluto ou divino. No encontro de Davos, Cassirer parafraseou assim a filosofia de Heidegger:

Heidegger coloca o problema da verdade e afirma: não podem existir verdades em si mesmas, nem pode haver quaisquer verdades externas. [...] as verdades são relativas ao Dasein. A conclusão é:

---

<sup>10</sup> Alphonse de Waelhens e Walter Biemel. Introdução a Martin Heidegger. *Kant et le problème de la métaphysique*, Paris: Gallimard, 2005 (1.ère ed., 1965), p. 44. Também Adorno leu Kant procurando deduzir da *Crítica da Razão Pura* as bases para uma rejeição do racionalismo iluminista. Segundo Adorno, a obra de Kant, apesar de procurar reduzir o conhecimento a uma unidade de categorias ou representações a priori, dá ênfase ao carácter limitado ou incompleto da razão, contendo, nesta medida, uma ideia que contradiz o “pensamento (metafísico) da identidade”:

Por um lado, pensamos na *Crítica da Razão Pura* como uma espécie de pensamento da identidade. Isto significa que procura reduzir os juízos sintéticos a priori e em última análise toda a experiência. [...] Por outro lado, no entanto, este modo de pensar pretende libertar-se da mitologia, ou da ilusão de que o homem pode tornar certas ideias absolutas e tomá-las como toda a verdade apenas porque as encontra em si. Neste sentido, a filosofia kantiana sublinha a validade do não-idêntico da forma mais enfática possível. É um modo de pensamento que não se satisfaz por meio da redução a si mesmo de tudo o que existe.

Theodor Adorno. *Kant's Critique of Pure Reason*. Edited by Rolf Tiedman. Translated by Rodney Livingstone. Polity; Cambridge, 2001 [1959], p. 56

uma criatura finita não pode ter verdades eternas. Para os seres humanos não há verdades eternas e necessárias [...].<sup>11</sup>

Na segunda parte desta tese, o programa apresentado nos versos de Alberto Caeiro constituirá o objecto da nossa investigação. Enquanto reacção a Teixeira de Pascoaes – um dos apontamentos que explicam a ‘novidade absoluta’ do Mestre definem-no como um «Pascoaes virado do avesso, sem o tirar do lugar onde está»<sup>12</sup> –, os versos de Caeiro descrevem a metafísica como uma doença<sup>13</sup> que consiste em ver o que não está nas coisas. Por outras palavras, a doença metafísica – cujos sintomas são apresentados em descrições que articulam pontos centrais do pensamento de Pascoaes, o poeta da «loucura transcendente»<sup>14</sup> – consiste numa contaminação interpretativa do “dado”, ou seja, estar doente é não ver apenas aquilo que

---

<sup>11</sup> Ernst Cassirer, “Davos disputation between Ernst Cassirer and Martin Heidegger”, in Martin Heidegger. *Kant and the Problem of Metaphysics*. Translated by Richard Taft. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1997, fifth edition, enlarged, p. 195.

<sup>12</sup> Segundo Richard Zenith, o apontamento, escrito em português, foi colocado à margem do prefácio da tradução de Alberto Caeiro atribuído a Thomas Crosse. Cf. Fernando Pessoa. *Prosa Íntima e de Autoconhecimento*. Edição de Richard Zenith. Traduções de Manuela Rocha Lisboa: Assírio & Alvim, 2007, notas, p. 469.

<sup>13</sup> Kant sugeriu, também, a existência de uma relação entre a metafísica dogmática e a doença mental. Sobre o *Ensaio sobre as Doenças da Cabeça* (1764), Pedro Miguel Panarra sublinha que «o âmbito temático próprio da exposição da loucura é o âmbito da psicopatologia, porém, o fito da investigação de Kant é o desejo de esclarecimento de uma espécie de doença da razão que se torna o motor da metafísica. É isso que começará a fazer em *Sonhos de um visionário explicado pelos sonhos da metafísica* e posteriormente na dialéctica transcendental da *Crítica da razão pura*. Os dados apurados na psicopatologia visam um esclarecimento da metafísica dogmática, sem embargo da possibilidade de figurarem num livro de psicopatologia.» (Pedro Panarra, introdução a “Immanuel Kant. *Ensaio Sobre as Doenças da Cabeça de 1764*.” In *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 37 (2010), p. 201). O final do ensaio de Kant admite, na verdade, que poetas e filósofos sofrem, por vezes, de doenças mentais: «Pois, de acordo com as observações de Swift, um mau poema não é senão uma purificação do cérebro, através da qual são eliminados muitos humores nocivos para alívio do poeta doente; por que razão um escrito miserável e cismático não poderia ser a mesma coisa?» (Ibid, p. 223). Disponível em arquivo electrónico: [http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/ensaio\\_sobre\\_as\\_doencas\\_da\\_cabeca](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/ensaio_sobre_as_doencas_da_cabeca).

<sup>14</sup> Teixeira de Pascoaes. “Guerra Junqueiro”. In *Ensaaios de Exegese Literária e Vária Escrita*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 46.

‘recebemos pelos sentidos’, aquilo a que num dos *Poemas Inconjuntos* se chama «facto»<sup>15</sup>.

Em última análise, porém, e em virtude de uma aproximação a certos ideias advogadas pelo positivismo lógico – a poética da nitidez repete a ideia de que certas palavras, e.g., “mistério”, não têm sentido porque não podem ser reduzidas a dados dos sentidos –, o programa de Caeiro é metafísico ao supor uma posição epistémica absoluta, sem outros e sem linguagem, ou seja, a ausência de perspectiva ou de história que supõe um conhecimento divino. Na verdade, alguns momentos do discurso do Mestre incorporam a consciência de que todo esse discurso constitui a expressão da mesma doença ou ‘falta de lucidez’<sup>16</sup> de Pascoaes, a doença metafísica que imagina um conhecimento especial, directo, das coisas, um conhecimento imune à contingência – estando ambos, com efeito, ‘no mesmo lugar’.

É nesta medida que Álvaro de Campos – o discípulo *com crítica*, como as *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro* o descrevem<sup>17</sup> – representa no «sistema de poetas»<sup>18</sup> criado por Fernando Pessoa um grau superior de lucidez em relação a Alberto Caeiro, sublinhando, em poemas como “Tabacaria”, a ideia de que não podemos fundamentar o nosso conhecimento no “dado”. Por outro lado, ao fazer uma paródia da

---

<sup>15</sup> Fernando Pessoa. *Alberto Caeiro. Poemas Inconjuntos*, “De longe vejo”. *Poesia dos Outros Eus*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, 2.<sup>a</sup> ed., p. 93.

<sup>16</sup> No poema XV d’*O Guardador de Rebanhos*, lê-se: «Estando doente devo pensar o contrário / Do que penso quando estou são / (Senão não estaria doente)» (Id. *Alberto Caeiro. O Guardador de Rebanhos*, ed. cit., p. 51).

<sup>17</sup> Fernando Pessoa. *Álvaro de Campos*, “Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro”. *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 174.

<sup>18</sup> A expressão é de Fernando Cabral Martins em “Heteronímia”. In Fernando Cabral Martins (ed.). *Dicionário do Modernismo Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008, p. 326.

possibilidade de um conhecimento absoluto, as grandes odes de Campos exprimem, também, a crítica da metafísica enquanto ilusão associada à ideia de um conhecimento totalizador. Abarcar tudo<sup>19</sup> supõe uma concepção análoga à de Pascoaes – uma teoria segundo a qual o poeta procura a Verdade que ‘transcende as cousas verdadeiras’<sup>20</sup>. Ao colocar, em poemas como a “Ode Mortal”, o poeta fora do próprio Universo, a poesia de Campos, levando a efeito a dramatização da teoria de Pascoaes, é a refacção dessa teoria pela exposição do seu carácter utópico.

---

<sup>19</sup> Segundo S. N. Hampshire, é característico dos sistemas metafísicos o facto de pressuporem um conhecimento perfeito e completo, ou seja, um conhecimento que não contempla o sujeito que conhece (S. N. Hampshire, op. cit., p. 33).

<sup>20</sup> Teixeira de Pascoaes. *O Homem Universal e outros escritos: O Sentido da Vida, A Caridade, A Nossa Fome, Pró Paz*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993, p. 63.